

ATLAS

de Marcos Visnadi

pego uma estrada pra uma palavra desconhecida

Bandeiras distantes, países comprimidos entre os dedos, na cama de noite os pés no chão do mundo, rios talhados em vermelho, branco, traçava no mapa navios o ranger da porta na cama e o cobertor sendo puxado, continentes descobertos, a cada toque um medo em fuga porto deque dia claro só navega pro nepal, japon, o peso no corpo, no escuro, na china longe um bilhão de pessoas cheirando a cravos da índia famílias inteiras correndo perigo em mumbai em santa catarina o bafo de cachaça a mão rasgando as calças, a irmã chorando ao lado, pesadelo e latitude em vigília malásia mongólia maldivas tremores camboja espasmos de mapas molhados.

~

Flan náufrago

Aniversário da mãe. O menino fuça o armário e vai fazer um flan de caixinha com calda imita ameixas. Come o flan pedaço no meio da colher banhada em calda, um naufrágio. A mãe é diabética, o menino suja a louça, não lava, mas é um amor que está ali derretido no açúcar caçoa do medo da morte / e ela come. O planeta é que anda a dar voltas em torno do Sol como se nada fosse doce a gente toma garapa imaginando a Via Láctea expandida além dela o espaço infinito de silêncio eterno talvez vikings astrais cometas macios de brigadeiro tudo o que é possível, até um flan de aniversário. Que as nossas cáries tenham a ver com a cultura caneeira implantada pelos portugueses e os trabalhadores rurais de hoje remontem a cinco séculos de trabalho escravo é coisa que implica na doçura, e de modo algum podemos isentar as corporações alimentícias do efeito que gradativamente essas delícias simuladas terão sobre o nosso prazo. / O menino leu a receita no verso da caixa piscando a cada palavra. Ali dentro, em forma de futuro, estava um mistério.

~

Materno

O efeito da maternidade seria esse: dedicar-se sem sentido. Eu vou te dar cama e comida, eu vou te dar meu colo e calor. O bicho rastejava manco dolorido acertado a pau as ancas quebradas e a criança abraçava-o com os olhos, sorria prevendo a bondade e se dizia: meu bem meu bem. Mas agora lhe vêm as imagens num dia que amanhece: foi sua própria fúria, convertida em mãos, a acertar os quadris do gato com um cabo de vassoura. ----- o bicho mia fraco, esganiçado. À criança vem-lhe de chorar. Eu não quero nunca mais sentir vergonha. Olha para os lados, o matagal avança semisseco na lonjura, aqui só tem eu e essa metade de gato. E o cabo de vassoura sujo de sangue ali mais adiante. Desculpa, desculpa! O olhar do gato não toca em nada, nem em mim. A criança larga-se aos soluços diante do gato que agora só geme baixinho, para si. Perder um filho vai contra a ordem natural das coisas. Ela começa a puxar seus cabelos e esmurrar-se no rosto, grita de tristeza. Se não voltar pra casa esta noite estará deitada ao relento, fingindo desconsolo, dormindo na dor de perder o filho que não teve.

~

(e agora mais uma sobre a infância)

~

O avô levava o menino para cortar cabelo na associação dos aposentados e por isso não poderia ser domingo, já que no domingo se descansa. Mas o dia estava sim com uma moleza missal, de quando se sai do culto próximo ao meio-dia e se passou três horas acumulado em gentes a dizer de Deus, as juntas do corpo carecem de almoço e as pessoas se abraçam, até domingo que vem.

“Pode rapar tudo, fazer corte militar. Assim dura mais.”

Precisava pôr duas almofadas e um toco na cadeira para que o menino ficasse a uma altura razoável, de olhos quietos e medrosos, assistindo à decisão que os adultos tomavam sobre sua cabeça. O avô se vira para ele e diz “Eu preciso ir no centro da cidade comprar

remédio. Você me espera aqui” e depois ao barbeiro “Não vou demorar, Valter. Você cuida dele?” e o Valter responde: “Pode deixar, João” e o avô se foi.

Esse Valter era um homem gordo e sorridente e velho. “Nossa, como você tá grande” ele diz ao menino, “eu conheço você desde que você era desse tamanho” e contrapõe as palmas das mãos, deixando entre elas um vazio. “Seu avô sempre te trouxe aqui, você lembra?”.

O menino, que ainda não sabe o tamanho que tem, fica confuso e tenta agradecer: “Lembro”.

A máquina ligada tolhe os cabelos e no couro da cabeça uma sensação de unhas finas e rudes fazendo carícia, todas juntas na mesma direção. “É, seu avô trazia você aqui no colo. Mas agora já não dá mais pra te carregar no colo, hein”. Dentro do copo, o pincel soca uma espuma cada vez mais branca que vai se avolumando e se avoluma até transbordar. “Agora você é quase homem feito, só falta ter barba na cara!”. A espuma gelada na nuca arrepia. O menino, que se segurava pra não rir de nervoso, agora desata uma gargalhada miúda, em sussurro.

“Faz cosquinha, faz?”

“Faz...”

E os dedos do homem como aranhas escalam as ancas do menino chegam aos sovacos mordem o pescoço o menino se contorcendo na cadeira de tanta cosquinha “para! para! para!” e ri pulmões afora, sem lugar para vaidade. O velho se recompõe, divertido a respirar de boca aberta, e o menino sorrindo olha pra ele pelo espelho, sem cumplicidade. A lâmina, por fim, arranca a espuma do pescocinho.

“É, você tem muito cabelo, só falta ter barba na cara”. E, como a descobrir um segredo, ele se dirige aos olhinhos limpos do espelho – “Será que não tem?”. O menino fecha os olhos para se esconder. Da visão dos dedos grossos do homem varrendo-lhe o rosto em carícia, de uma orelha à outra o caminho da barba futura, detidos com mais atenção na pele fina dos lábios entreabertos, agora um dedo na gengiva, agora o rosto livre de contato e o homem agachado à sua frente pra brincar: “Vamos fazer a barba?”.

O menino sorri.

A espuma se espalha na pele sem pelos; cuidadosa, a lâmina lava do rosto o limite branco.

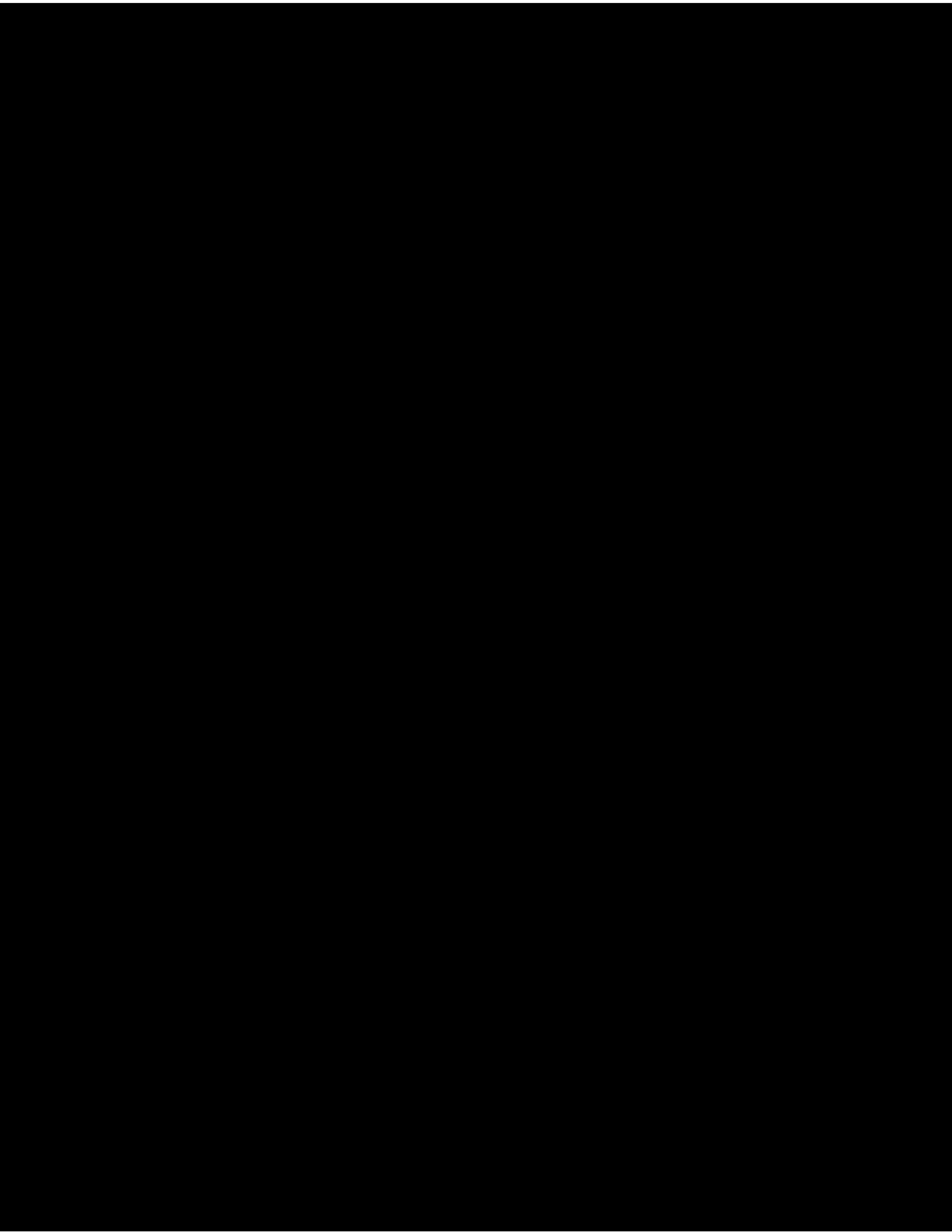
“Pronto!”, diz o velho, de voz cheia, as mãos apoiadas nos ombros do menino com os polegares a afagarem-lhe os lóbulos das orelhas. “Pronto!”, como quem fez o almoço e lavou a louça. “Ficou bom?”.

O menino assente com a cabeça.

E logo as mãos se tornam aranhas de novo, arrancando risos da criança, mordem-lhe o pescoço, descem pelos sovacos até as ancas, o menino se contorce na cadeira e as aranhas lhe agarram uma de cada lado por dentro do elástico uma levanta-o pelo pipi e a outra se esconde num lugar que ele nunca havia tocado, como um macaquinho ele se agarra no braço grosso do barbeiro, para não cair, e depois ganha um chiclete.

Agora o menino volta para a luz dominical.

Pelas mãos do avô, ele percorre o corredor escuro e úmido da associação de aposentados, passa por salas em que velhos jogam damas e, quando chega à calçada, a claridade é tão forte que ele precisa fechar os olhos bem fechados. E ainda assim, no esconderijo vermelho das pálpebras, persistem estrelas escuras.



Notícias de Itaipu

depois

da invasão dos zumbis

um grupo de guris / presos no esconderijo, casa seca / aguardam notícias de Itaipu?

entram numa espécie de sótão, com mínimos barulhos pra observar, lá embaixo, os corpos se trombando uns nos outros, uma fome sem desejo / estraçalham os vivos que chegam, incautos, em busca de abrigo

os meninos descem de dois em dois, quando preciso, pegam latas de ervilha e de milho, no dia em que um deles derruba um garfo lá embaixo / os zumbis percebem queda e movimento, mas não olham para cima

os guris não sabem disso, no entanto. porque se esconderam no fundo do escuro e esperaram até o fim da surpresa.

§

os meninos no sótão faz um mês / de susto, inanição, o primeiro morre / todos os outros ficam atentos, esperando a transformação. mas nada acontece.

lá na rua, os zumbis é como se vivessem de reprise. um menino dá a ideia: e se a gente jogasse o corpo longe, longe, os zumbis correm atrás a gente corre deles foge escapa. os outros quietos pensam até que um diz "pra onde?". os meninos começam a chorar.

a próxima sugestão logicamente você já imagina. porque viram num filme, comem primeiro a bundinha do garoto. tostada na chapa do fogareiro. enrolam o resto em sal grosso, fatias, pedaços. "a cabeça não!". todos concordam. "nem o pinto e o saco!". atiram os miúdos para

a rua, esperando algum alvoroço. os zumbis param, depois voltam a andar sem susto. "vai ver eles só comem gente viva".

§

o chefe deles, de doze anos e muito talento / só não mete mais medo que os zumbis / mas promete tanto estrago quanto / o chefe decidiu: a carne do menino está acabando / faz tempo não tem mais enlatados, embutidos, chocolates / é preciso matar para não morrer.

ele chega em cada um, elege-o braço direito e diz: os outros estão querendo te matar pra te comer. (o menino ensaia um choro, uma raiva, o chefe segura). fica na miúda, mas fica esperto. e numa noite se mancomuna e corta, com os garotos, a goela do mais gordinho, que estava dormindo. não faz isso por prazer, mas por necessidade: o gordinho rende mais. dessa vez abrem-lhe a cabeça e salgam os testículos. cada um tem direito a uma ração mínima por dia, não mais.

depois da janta, o de óculos se senta à janela e observa. o movimento dos mortos é o mesmo de manhã e à noite, não muda. um ou outro migra, um ou outro chega. no geral, o grupo é o mesmo. mas eles parecem mais magros, as roupas estão gastas, a carne afunda. o cheiro de carniça é forte. e há uma nuvem de varejeiras sobrevoando o condomínio. o pai dele está lá embaixo, andando, indiferente.

§

na noite de dez de novembro de dois mil e nove houve um blecaute no brasil. seis meninos correram para o sótão se esconder quando viram, na rua, os pais chegando. sem carro, sem alarde. e sujos de sangue.

a vizinha foi recebê-los preocupada e teve as tripas expostas, mordidas. da janela do sótão os meninos viam os vizinhos se mastigando e se erguendo, caminhando calmos pela rua, sem rumo. nenhum deles voltava a entrar em casa, a não ser que a porta estivesse aberta.

quando ouviam um barulho, eles se olhavam. "a porta está fechada?". o de óculos, de quem era a casa, não tirava os olhos da rua. "a-a-acho, acho que sim". "a gente precisa conferir!"

mas quem iria? todos olhavam pro de óculos quando o celular de um deles tocou. "atende essa porra!". os zumbis lá embaixo se agitaram que nem peixe quando a luz acende. "mãe?". os meninos, em silêncio, alternam a direção dos olhos entre a rua e o amigo, que começa a chorar. "mãe, a gente tá escondido no sótão. mãe, eu tô com medo. mãe, vem me buscar. mãe. mãe? mãe!". um outro se joga sobre o menino, agarra-o com uma chave de perna e lhe tapa a boca com a mão. "shhhhhhh". lá embaixo, a cada barulho diferente é como se uma luz se acendesse: os zumbis abrem os olhos procurando reconhecer, mas logo a luz se apaga. pros meninos é que ela nunca acende. no escuro eles se encolhem, juntos, e baixinho ligam para todos os números guardados na memória dos celulares. logo vão acabar as baterias.

§

um deles encontra um blogue de notícias mais atualizado e lê.

11/11/2009, 2h15

Paraguai fecha as fronteiras

O Paraguai fechou as fronteiras. Acabou de informar o Diário Popular, de Assunção. Os exércitos da Argentina e do Uruguai também estão vigiando a fronteira com o Brasil.

11/11/2009, 1h33

Epidemia se espalha pelo Norte

Acabo de receber notícias do Pará e do Amazonas. Essa porra tá se espalhando rápido

"deixa um recado pra ele! fala que a gente tá aqui!"

§

Eu acho que isso já estava acontecendo antes.

"Quê?!"

Eu acho que isso já estava acontecendo antes. Pensa bem: foi muito rápido. Aquele cara do blogue escreveu que as fronteiras já estavam fechadas. Isso tipo três horas depois do apagão. Três horas! E que já tinha zumbi no Pará, no Amazonas, no país inteiro.

(O de óculos fez uma pausa. Nele só se notava o movimento do peito, respirando. Os olhos abertos fixos no chão. Os outros meninos em silêncio)

Eles andam mor devagar, quase se arrastando. Não dá pra chegar tão rápido assim no Pará.

"Mas desde quando, então?! E por onde eles chegaram?"

Com fome, pensar ficava mais difícil. A carne do gordinho estava quase no final. Os quatro se entreolham com medo, com raiva, intrigados. Mas desde quando, então?

§

Algum alimento contaminado. O aquecimento global. Conspiração. Deus.

O chefe dos meninos fez a mesma estratégia: chegou para cada um, disse os outros estão querendo te comer, esperou o medo. Mas ele era cada vez menos chefe, os outros não tinham esperança o bastante para obedecer.

§

O terceiro menino morreu, então, menos por uma conspiração entre os outros do que pelo acaso. Tinham decidido matá-lo, sim, mas numa briga – as brigas estavam ficando mais frequentes – o de óculos, com ódio, bateu na sua cabeça com o taco de beisebol. Por um instante o silêncio no sótão foi abafado pelos urros dos zumbis, cuja fome animal se

manifestava cada vez que sentiam, instintivamente, que não estavam sozinhos. Então o menino de óculos disse

"Vão pegar o balde."

O balde era usado para guardar o sangue do menino morto, que depois seria bebido com nojo resignado pelos outros. Os dois meninos se entreolharam: o de óculos começou a afiar a faca.

"O gás tá acabando."

Eles começaram a comer a carne mal passada sem dizer uma palavra. Mas, no silêncio das mordidas, cada um começava a admitir que não valia a pena. Matar aqueles que eram seus amigos, beber o sangue deles, esperar. Não fazer barulho, não sair do sótão, esperar. Sucrilhos, piscina, videogame, escola, família, lembravam daquilo tudo vagamente, fora do corpo, como se se tratasse de uma outra encarnação.

O de óculos quebrou longe o prato de louça, abriu a janela do sótão e, com uma voz que sua mãe nem seu pai nem ninguém imaginaria tão forte e tão alta, gritou

VÃO SE FODEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEERRR SEUS FILHOS DA
PUUUUUTAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA

§

A bateria do último celular estava quase acabando. "Desliga ele, porra!", "Por quê?", "Pra preservar a bateria!", "Pra quê?". O menino gaguejou, nervoso, antes de responder. "Vai que a gente precisa dele mais pra frente".

"Se essa bosta se espalhou mesmo no país inteiro, pra quem é que a gente vai ligar?"

A internet não estava funcionando.

"Não é possível! Vai vir alguém. Dos Estados Unidos! Alguém vai fazer alguma coisa! Não é possível!"

Soluçando, o menino se encolheu num canto. "Não é possível", ele dizia. O gordinho, dono do celular, olhou em volta. Todos começaram a chorar. Não era possível que aquilo estivesse acontecendo. Mas a cada toque no interruptor de luz, a cada tentativa de contato com alguém fora daquele sótão, a cada descida em busca de alimento o impossível se confirmava. O gordinho, então, foi até a janela. Os mortos-vivos vagavam pelos quintais, se arrastavam sem sossego, sem descanso, sem direção, sem. Sem pressa. Só podia ser brincadeira. De repente o gordinho viu todos os zumbis se voltarem para a janela onde ele estava, tirarem as máscaras e morrerem de rir com os seis moleques. Os meninos, atrás dele, não paravam de chorar. Outra vez ele tentou ligar para o celular da mãe. *O número que você está chamando está desligado ou fora da área de cobertura. Por favor...*

§

"Se a gente tivesse uma arma. É só atirar na cabeça do zumbi que ele morre."

O menino escutava o chefe em silêncio. Que mais poderia fazer? Os outros estavam dormindo, tinha acabado de comer carne humana. Carne humana! Chorar não adiantava. O chefe continuou falando:

"A gente pegava um rifle e PÁÁ!! na cabeça do filhadaputa. Explode o cérebro dele! Sem cérebro ele morre, já era."

Se o menino pudesse escolher / agora ele ia deixar o outro falando sozinho, descia as escadas e ligava a televisão em algum canal besta e barulhento. O outro ia querer encher o saco dele e ele ia falar "Shhhhh, tou vendo tevê". Sentiu vontade de testar o interruptor de novo, mais uma vez, só pra ter certeza, quem sabe se. "Sem cérebro ele morre"...

"Mas eles já não estão mortos?"

O chefe acordou do seu sorriso e gaguejou:

"É, não, eles estão mortos-vivos, seu imbecil. Sem cérebro eles mooorrem de vez!"

"E como é que você sabe?"

O chefe se acomoda e enche o peito de triunfo: é o que acontece em todos os filmes de zumbi.

Uma voz corta o sussurro dos dois.

"E isso tem cara de filme pra você?!"

Os dois meninos se assustaram, suas costas pressionadas contra a parede. Na penumbra, as lentes do óculos do outro reluziam na direção deles. O de óculos saiu, então, da posição de ataque e voltou a sentar-se com a cabeça nos joelhos, abraçando as canelas com os bracinhos finos. Como se dormisse. O chefe ficou quieto, não disse mais nada até a manhã seguinte. O outro menino, olhando os contornos no escuro, nem percebeu o silêncio.

§

VÃO SE FODEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEERRR SEUS FILHOS DA
PUUUUUTAAAAAAA

"Cê tá maluco, cara?!"

VÃO PRA PUTAQUEOPARIU
VÃO TOMAR NO CUUUUUUU

SEUS VIAAAAAAAAAAAAAAAAAADOS

"Para! Para de gritar!"

Os dois meninos agarraram o de óculos, que continuava gritando e agora se debatia com uma força / que acabara de despertar / numa noite escura e barulhenta. "Shhhhhhhhhhh". Mas já era tarde. Não só os zumbis que estavam próximos à casa – agora outros chegavam, do condomínio inteiro, talvez de toda a cidade. A passos lentos e certos, esqueléticos, eles cercavam a casa com suas gargantas selvagens e famintas: cem, duzentos. E vinham outros.

"Caralho, mano! Caralho! Olha o que você fez, véio! Seu filhodaputa, seu corno." O menino andava de um lado para o outro, olhando hora pela janela do sótão, hora para o de óculos, franzino, que ofegava de olhos arregalados, ódio, seguro entre os braços do chefe. Sentindo que ele não mais fazia força tentando escapar, o chefe solta-o e se dirige à janela, onde avista o Inferno.

"Caralho, mano! Putaqueopariu! E agora, cara?!"

O chefe fechou os olhos para pensar. Os zumbis teriam força para arrombar as portas, derrubar as paredes, subir as escadas e devorá-los? Enquanto pensava nisso, uma lufada de ar lhe atingiu o rosto e seu corpo gelou ao ouvir a voz do outro menino gritando fraca, fina e rouca

"Goiaba!"

Goiaba era o apelido do de óculos. Seu nome era Mateus. Ele tinha doze anos e era o dono da casa. Foi ele que, numa tarde de terça-feira, chamou os amigos da escola para jogar o videogame que tinha ganhado de aniversário uma semana antes. E agora Goiaba estava caído no jardim de sua casa, provavelmente com as pernas quebradas, urrando de dor ao sentir os dentes ferinos dos mortos rasgando-lhe a pele, mastigando seus olhos, espalhando seus intestinos pelos ossos expostos dos malditos.

No sótão, os dois meninos recuavam passo a passo. Nenhum deles sentia o chão sob os pés. É como se estivessem no azul de ar do céu, suspensos por anjos, e seus pés se agitassem na liberdade do voo. Até encostarem na parede, agacharem-se no canto e, simultaneamente chorando e não chorando, abraçarem a desgraça, a desgraça, a desgraça.

§

Pouco a pouco, os zumbis voltavam ao movimento normal. Havia ainda muitos nos arredores da casa, mais do que seria possível contar. Volta e meia algum arranhava novamente seus dedos semidecompostos nas portas e paredes, como se tivesse lembrado, de repente, que não, não conseguiram entrar na casa, e que lá dentro talvez houvesse.

"Eles desistem rápido", o chefe disse. Três meses. Três meses. O chefe percebeu o olhar do outro menino, que no entanto não se atrevia a dizer. "Porque eles podiam estar querendo entrar ainda" argumentou então, de modo que o menino entendesse que não estava se justificando, mas apenas concluindo um raciocínio.

"Será que eles sabem que a gente está aqui?" – o menino pensou.

"Eles não sabem de nada! São bichos." – o chefe respondeu.

Deitado, o menino olhou para o céu pela janela. Moscas. Em número até maior do que o de zumbis. Varejeiras se multiplicando pelo céu da cidade.

§

Ambos estavam fracos demais para andar. O menino choramingava dia e noite, chamava pela mãe, às vezes delirava e pedia, em estado de transe, para que o pai não lhe batesse.

"Eu não quero morrer!..."

O chefe, exausto, olhava o corpo fraco do seu colega de classe, fedia. "Viado", pensou. Com alguma dificuldade, sentou-se na cadeira que agora ficava de frente para a janela do sótão. Alguns zumbis pareciam não ter mais do que ossos sujos de tecido podre. Até quando continuariam andando? Era possível, sim, que aquele pesadelo estivesse próximo do final. Que após quatro meses de perambulação macabra os ossos todos tombassem ao chão como na implosão de uma cidade. Como se o cruel mentor daqueles seres, tendo atingido seu objetivo, desligasse-os da tomada. Sim, era possível, ele só precisava aguardar, esperar mais um pouco, aguentar.

No entanto, seu corpo mostrava sinais de extrema fadiga. Às vezes ele tremia involuntariamente, temia perder o controle. Estavam há dois dias sem comer.

O menino fungou mais uma vez, encolhido num canto. "Não... não... pai...". Tão silencioso quanto pôde, o chefe desceu da cadeira. E obstinado rastejou até o menino.

§

Arrancava nacos de carne do colega com os próprios dentes. Já não havia gás no fogareiro para tostá-lo como bife. Mastigava a pele crua, borrachuda e sorvia o sangue que escorria pelos ferimentos abertos. Comer, beber. Era só o que importava para continuar vivo. Ele não reconhecia o menino à sua frente mais do que reconheceria uma galinha viva pela sua coxa assada.

Sentiu-se forte. Estava alimentado. Poderia, até... sim, ele era capaz. De se levantar. Pingava sangue da sua roupa, dos seus dedos, da sua boca. Ele se levantou. E, sentindo-se forte e seguro como um trator, não hesitou em colocar o primeiro pé, cambaleante, no degrau da escada e, escorando-se no corrimão, descê-los um a um, um a um.

Os zumbis que ele vira da janela não passavam de esqueletos caminhando. Muitos deles caíam desmontados no chão tão logo suas articulações se rompiam. O chefe agarrou a

maçaneta da porta da sala. Sairia daquela casa – ele, o sobrevivente. E continuaria vivo, agora nada nem ninguém o impediria.

§

Os zumbis olharam o menino esquelético que aparecia. Dezenas de crânios sujos voltaram-se para ele. Mas nenhum deles avançou. O chefe começou a andar, a passos fracos, em meio aos mortos estáticos. Que depressa começaram a se mover, não na direção dele, mas na direção do acaso apático que os aguardava, cada um buscando em círculos alguma coisa que nunca alcançaria: o fim da fome. O chefe passava pelos corpos decompostos alheio a eles, sem medo. Ele sabia qual rumo deveria tomar. Ele sabia que deveria andar em direção à alegria, à vida, à sobrevivência. E que para isso, antes, precisaria achar comida. Comida, é só disso que precisamos.

§

Aturde Saturno

Gorda baleia saco de areia. A menina fechava os olhos encostava o queixo no peito e pedia toda fechada a papai do céu que não, que a segunda parte pelo menos não, por favor. Mas papai do céu se não estivesse se estufando de bacon estaria fazendo esteira na academia e de qualquer modo não dava a mínima, tanto que lá vinha a segunda parte

Comeu banana podre, deu na caganeira

Que ela, ah, como ela detestava principalmente essa segunda parte, as crianças recomçavam "gorda baleia saco de" e juntava a turma a imaginação da menina esmerdeada dentro de um saco de areia, entupida de banana ruim, estragada, que ela comeu mesmo assim porque ela é GORDA, GORDA e a única coisa que faz que pode fazer é comer COMER SUA GORDA GORDA GO

"Flora!"

"Presente"

E as crianças em volta riam baixinho, no recreio então diriam "Fauna!" que era só um outro jeito de chamá-la Elefanta, a Baleia, ela que em nada se assimilava a uma flor – senão no nome. Olhava tanto pra baixo que tinha torcicolos quando endireitava a cabeça, o que fez a mãe levá-la ao ortopedista. Mas ninguém curava essa gordura. A gordura não é doença que se cure. É como cor de pele e de cabelo. Certo, cabelo a gente pinta e fica loira, tão bonita / menos-ela-que-é-feia-e-gorda. Quando crescesse, pediria a um médico que lhe cortasse o estômago.

"Nossa, como você está bonita!"

Todos diriam quando ela saísse da cirurgia. A mãe então, com um pavê, "coma minha filha linda, fiz de chocolate pra você" e a menina olharia as banhas da mãe com o mesmo sorriso das crianças quando a professora está por perto. Afastaria a travessa e diria "Não, obrigada", estendendo a mão para pegar uma folha de alface. Ela seria magra e teria um namorado e apareceria na televisão para entrevistas "como você mantém a sua forma?"

"Ah, eu como de tudo! Só não pode exagerar, né?"

[Aplausos]

Na hora do recreio, porém, a cantina da escola era muito melhor que aquela maçã dura trazida de casa. *Maçã*, veja bem, pois ela jamais comeria bananas em frente à turma. Muita humilhação. Mesmo assim, triste como um cacho inteiro, ela estende o dinheiro arduamente acumulado (já que a mãe não quer incentivar a filha nesses vícios) e pede uma fogaça frita com recheio de parmesão e calabresa / e pede um chocolate recheado com amendoins e doce de leite / e pede um saco tamanho *plus* de batatas fritas sabor churrasco. Hum... / Amor, aos nove anos de idade, é muitas vezes uma questão de paladar e nada mais. Os dentes pequenos (a única coisa miúda que ela tinha no corpo, além do coração) trituravam então as texturas macias do óleo e do creme e dos temperos e logo aparecia um dos moleques, dos mais bonitos, gentil e sorridente:

"Flora, me dá uma mordida?"

E a menina, assustada como se o céu lhe oferecesse colo, ensaiava a doçura de um gato magro e querido: ela também pode dar amor! E o que ela der, o menino bonito vai querer. Tímida e contente é que ela diz

"Sim"

só pra ouvir o moleque sair gritando e correndo pelo pátio "Aaaaaahhhhhh, a Flora vai me morder!!!!" e as crianças rindo rindo rindo

"Imbecil!!!"

Agora Flora sentada sozinha. Se pudesse, invadia a lanchonete e só saía morta, MORTA, carregada por um trator deixando todos tristes com sua morte, tristes até que o menino mais bonito gritasse com o dedo em riste pro guindaste "cuidado vai quebrar!" a professora se assustasse e as crianças todas rissem da porca morta, e gorda.

Aqui cabe talvez um momento didático, justificado pelo fato de que a mãe de Flora é professora universitária e, neste dia de aula, vai dizer à turma sobre o percurso conceitual da melancolia desde o Renascimento até seu diagnóstico clínico feito por Freud e exposto no conhecido texto de 1917, "Luto e melancolia", onde Freud escreve, cito:

Os traços mentais distintivos da melancolia são um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de autoestima a ponto de

encontrar expressão em autorrecriação e autoenvilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição.

(Flora, se estivesse aqui ouvindo isso, bem que ia desejar se autopunir com uma bulimia ou então definhada de fome, ao mesmo tempo em que tiraria da bolsa um caramelo)

"Até pouco antes do advento da psicanálise, no entanto, a melancolia pertencia ao campo de saber da medicina que, desde Hipócrates (séc. V a.C.), trabalhava com a tese de que o corpo humano é composto basicamente por quatro humores, dos quais é natural que um predomine no indivíduo, formando diferentes tipos fisiológicos e psicológicos. Alguém sabe quais são esses humores e quais os tipos de cada um?"

A mãe de Flora então vai escrevendo na lousa, à medida que a classe fala:

humor	tipo
SANGUE	SANGUÍNEO
FLEUMA	FLEUMÁTICO
BÍLIS AMARELA	COLÉRICO
BÍLIS NEGRA	MELANCÓLICO

A menina, no jantar, se decepiona com o prato de arroz e feijão. Com a cabeça apoiada no pulso esquerdo, nada como um prato de comida comum, sem chocolate, pra te fazer pensar e buscar soluções: se ela morresse. Se eu tivesse nascido de outra família. A mãe e o pai, gordos, se servem de batatas. De noite a menina chora escondida no travesseiro SOMOS UMA FAMÍLIA DE BATATAS!!!, se lamenta.

"Durante o Renascimento, no entanto, a melancolia era valorizada e estudada como um modo específico de visão de mundo, a ponto de Robert Burton, em seu *A Anatomia da Melancolia*, de 1621, mais do que especificamente tratar da melancolia, utilizá-la como lente através da qual analisa e resume toda a alta cultura de então. Nesses nossos tempos de Prozac [ela arruma os óculos e ajeita a bunda na cadeira], a gente pode achar difícil entender como a melancolia, algum dia, pôde ser valorizada como algo positivo. No entanto [e se levanta], Burton é inexorável ao afirmar que a melancolia pode se manifestar de duas formas:

[na lousa]

- disposição [estado emocional de abatimento pelo qual todos passam e que é impossível evitar, e]

- hábito [humor melancólico *strictu sensu*, constitutivo do indivíduo em que predomina a bÍlis negra]

De modo que, se é impossível curar a melancolia (uma vez que ela não é um distúrbio, mas um estado natural), resta à medicina e à filosofia entenderem-na."

Na segunda parte da aula, a professora explica que a melancolia era comumente simbolizada pelo planeta Saturno. Saturno, até então o planeta mais distante que se conhecia (e, portanto, o de órbita mais lenta), sempre foi o planeta do tempo longo, das dificuldades e dos obstáculos. Como uma sombra ameaçadora no céu [ela abre os braços e sua forma arredondada, ajudada pelas mangas do vestido, dá a impressão de um planeta grande e com pós-doutorado], Saturno recebeu seu nome do deus Cronos que, como vocês sabem, devorava os próprios filhos para evitar que nascesse aquele que o destronaria.

Longe dali, na terceira série, as crianças se dirigiam em fila até a quadra para a aula de Educação Física.

"Professora, a gente já tem a bola!"

Fauna Fauna Fauna Fauna Fauna Fauna Fauna Fauna Fauna

"Para, seu imbecil!"

"Flora!"

"Professoraaaaaaaa, foi ele!"

Hoje era dia de girar bambolê.

"Não liga pra eles, Flora", mas a Flora não queria ouvir conselho daquela menina escura esquisita de óculos magrela e desengonçada! "Eles são tontos" e a Flora só queria ser magra / ou então morrer afogada, entupida de milk shake / até que era vez dela girar.

"Fauna!"

"Cala a boca, ô, deixa a Bola, quer dizer, a Flora girar o bambolê"

A professora mandava ficarem quietos e de repente o apelido voltava, não era mais Fauna virava Bola, ia ser Bola e Fauna, ia ser Baleia Gorda Caganeira no Saco de Areia Comendo Banana e Podre até cair o bambolê

"Dãããããããããããr"

"Silêncio! Vamos lá, Flora, tenta outra vez"

E outra. E outra. E outra. Os vários jeitos que uma menina gorda tem de girar um bambolê, Flora girava. A mãe escrevia na lousa: MORTE (CEIFA); OBSTÁCULO; RECOLHIMENTO; - - - MEDO DO FUTURO; DESILUSÃO COM O PASSADO; PARALISIA NO PRESENTE. E aos quarenta e cinco do segundo tempo um quadril se move e rebola: feito milagre / as águas do mar se abrindo pra passagem da manada / o círculo suspenso mexe inteiro o corpo da menina e permanece, sem gravidade, bamboleando no ar. Esta é toda a história: uma menina gorda girando um bambolê. Sozinha na quadra, porque nem percebeu o sinal tocando, a professora sendo levada por um e outro aluno entusiasmados. Agora, se deixarem, a Flora fica lá rebolando para sempre. Ou até que o brinquedo caia. Ou até ela ter fome, a escola fechar, a mãe dispensar os alunos. Ou até, vai saber, um menino bonito passando por lá ver tal graciosidade, tal delicadeza de empenho e, fascinado com a dança e com as ancas que por enquanto são apenas uma promessa (mas como mexem!), não resistir aos apelos de sua própria alegria e, numa demonstração de afeto que o futuro nunca entenderá, bradar com todo o seu corpinho formoso: BALEIA!!!

Sidarta

Do que ele mais tinha medo era de ser estuprado, como ficara sabendo que acontecia de vez em quando em algum lugar do mundo com algum menino, e não com uma menina, o que deveria parecer muito mais razoável. Eu tinha dezesseis anos, uma vontade louca de me autoafirmar, mas também de dar o cu, então brinquei falando ai-quem-me-dera, qualquer coisa que tivesse esse efeito. Ele pareceu se sentir racionalmente ofendido e quis logo argumentar: “não, mas imagina que horrível deve ser. Você *ser forçado a fazer uma coisa que não quer fazer*. E deve doer muito”. Deve mesmo. É o que hoje eu penso. A gente continuou andando pela rua escura indo em direção ao centro da cidade, onde os nossos pais iam buscar a gente de carro achando que tínhamos acabado de sair do cinema, sem saber que tínhamos passado a tarde toda e o começo da noite conversando numa casa abandonada em que a gente entrava de vez em quando. Pais não gostam de casas abandonadas. Pelo menos os nossos não gostavam. Nem que a gente ficasse conversando a tarde toda e o começo da noite.

Sentamos a alguns quarteirões de distância do shopping e compramos um cachorro quente cada um. Ele tinha umas mãos grandes prum menino da idade dele. Eu também tinha mãos grandes. Às vezes eu pensava na gente e imaginava duas árvores enormes, dois ents cansados demais pra sair do lugar, mas com as folhas ainda muito verdes. Dois jovens ents que falavam rápido demais mas não conseguiam se mexer com a mesma rapidez.

“O que você vai fazer domingo?”, ele perguntou. Ele sabia dos meus domingos. “Sei lá. Acho que vou pra igreja”. Porque a minha mãe me obrigava a ir pra igreja todo domingo. Sempre tinha obrigado, mas a diferença é que antes eu gostava e agora achava um pé no saco. Ele sabia que eu não tinha opção. E até tinha me dado um livro emprestado pra eu ler enquanto o pastor falava. Porque ele sabia que eu sentava no fundo bem no fundo, no último banco e ficava me concentrando em odiar deus e todo aquele povo. “Que saco”, a expressão do rosto dele parecia dizer, mas era mais por solidariedade, eu acho, porque ele gostava de deus e era bem religioso, lá do jeito dele. Por isso ele tinha me dado o livro. “É bom que você tem mais tempo pra ler o livro”, ele disse, esboçando um sorriso pra tentar mudar o tom da conversa. “Han”, eu disse, bufando pra tentar manter o tom anterior. Ele levantou e foi comprar uma coca-cola. Ele andava de um jeito meio

desengonçado, sempre parecendo que ia cair. Voltou com a coca, tirou o canudo da boca e me ofereceu. Eu bebi um gole.

“Em que capítulo você tá?”. “No segundo, ainda”, eu falei com um pouco de vergonha. Fazia um mês já que ele tinha me emprestado o livro, mas eu realmente só o lia de domingo. Até deixava perto da bíblia da minha mãe, sem ela perceber, pra lembrar de pegar antes de sair de casa pra ir pra igreja e aí eu colocava ele embaixo da minha camisa, preso pelo elástico da calça e da cueca. E a leitura na igreja não era muito produtiva. Tinha que ser meio escondida e às vezes eles cantavam músicas. A cantoria me desconcentrava.

Ele parecia não ligar pra minha lentidão. “O capítulo dos samanas, né?”. “É”. Nesse capítulo o príncipe Sidarta ficava com os samanas, que eram uns caras que jejuavam tentando alcançar o nirvana. Jejuavam como um meio de negar o corpo. “Exterminar-se, distanciando-se de si mesmo; cessar de ser um eu”.

A gente ficou ainda um tempo bebendo a coca e comendo os cachorros quentes. Deu pra terminar tudo antes que os nossos pais chegassem. A gente tinha ligado pra eles uma meia hora depois do que deveria ter sido o fim da sessão e deixado os celulares desligados até então, fingindo que estávamos distraídos. Eles provavelmente não iam gostar de a gente ir comer cachorro quente na praça. O meu pai sempre falava “come no McDonald’s, pô, é mais seguro”. O pai dele também devia falar a mesma coisa. E ele devia responder o mesmo que eu: “é que ele não come no McDonald’s nem a pau. Diz que tem gosto de plástico”.

Mas enfim, eles demoraram ainda um tempo pra chegar. E enquanto eu via ele comendo um finzinho do lanche meu coração começou a bater tão forte como se fosse arrebentar o meu peito e sair quicando, atravessar a rua, se jogar dentro do rio sujo, nadar até o mar em algum lugar, ir pro meio do oceano e só parar quando fosse mastigado por milhões de dentes de um tubarão nervoso.

“Que foi?”, ele perguntou meio sem graça, segurando um riso encabulado, e já devia fazer uns dois minutos que eu estava encarando ele sem dizer nada, limpando os meus dedos de purê de batata com um resto de guardanapo, como se eles pudessem ficar mais limpos do que aquilo. Eu continuei encarando. É agora. É agora. É agora. É agora.

“Você é muito bonito.”

Ele parou de mastigar na hora e a sua expressão mudou. Os olhos se abriram como se tivessem acordado de repente e estivessem ainda vivendo o sonho, agarrados nele, sem entender direito que já tinham acordado mas reconhecendo que esse era um processo comum, quero dizer, acordar. Pelo menos foi isso o que eu interpretei.

“É... quer dizer, eu acho... eu acho que você é...”.

Eu não sabia onde enfiar minha cara. Normalmente eu ia querer enfiar ela no meio do peito dele, que era largo e gorducho e estava quase sempre de camiseta sem estampa. Ou com uma estampa muito discreta, que às vezes nem dava pra ver. Mas naquela hora isso nem passou pela minha cabeça. A única coisa que eu queria era sair correndo atrás do meu coração: atravessar a rua, pular no rio, nadar desesperado até encontrar o mar e continuar nadando, nadando e nadando pra dentro do oceano, pra dentro da boca do tubarão.

A gente ficou quieto uns instantes. Foi bem pouco tempo, mesmo, não foi como quando a gente diz “durou uma eternidade”. Nada com ele durava uma eternidade. Principalmente porque o pai dele chegava muito rápido. “Falou”, “falou”, “tchau”. Um aperto de mãos. Ele não estava bravo, eu sabia que ele não estava. Não sei como, mas eu sabia.

Mesmo assim eu fiquei morrendo de medo. Um monte de coisa me dava medo naquele tempo. Ele era a única pessoa que sabia que eu era gay. Porque a gente era muito amigo e também porque eu não aguentava mais não ter com quem conversar sobre isso. Conversava pela internet, mas não é a mesma coisa. E a maioria das vezes era sobre transar. Na hora eu gostava, mas no geral achava um saco tudo aquilo. Aí resolvi falar pra ele. E ele era todo “você continua sendo meu amigo” e “eu não tenho preconceito nenhum” e “mas como é que é?”, que era tudo o que eu queria ouvir na época. E depois disso a gente estreitou ainda mais a amizade, a gente saía o tempo todo ou um ia na casa do outro. Ele tinha um Game Cube e eu tinha a coleção de vinil da minha mãe, cheia de discos da Rita Lee. A gente gostava de ler e nenhum dos dois tinha muitos amigos. E agora eu achava que tinha fodido tudo.

Assim que eu cheguei em casa fui correndo entrar no MSN. Uns quinze minutos depois (isso sim eu posso dizer “pareceu uma eternidade”) ele entrou também.

teen spi@it diz:

eae

demian the dark diz:

eae blz?

teen spi@it diz:

blz

(...)

teen spi@it diz:

seu pai encheu mto o saco?

demian the dark diz:

nem. e o seu?

teen spi@it diz:

o de sempre.

(...)

teen spi@it diz:

marcos

demian the dark diz:

fala

teen spi@it diz:

desculpe eu ter falado aquilo

demian the dark diz:

desencana

(...)

demian the dark diz:

obrigado

Enquanto na tela dele aparecia “teen spi®it está escrevendo uma mensagem”, eu fiquei ensaiando um monte de respostas, mas todas elas pareciam imbecis. Então eu comecei a ensaiar um monte de perguntas. A maioria delas eu já tinha pensado em fazer antes e algumas eu estava pensando ali, na hora, pela primeira vez na vida. Mas a gente morre de medo de fazer certas perguntas, porque quem te garante que não é só você no mundo inteiro que está com aquela dúvida, que pode ou ser uma dúvida muito bizarra ou uma dúvida muito burra, mas que se você disser ela vai ser irremediavelmente sua?

demian the dark diz:

você mudou de nick?

Sidarta diz:

mudei

demian the dark diz:

legal

E ele me convidou pra ir na casa dele no domingo.

Garrafa

A vida te deu algo que você não sabe. Eis minha carta ao Mundo. Os verdadeiros lugares não estão no mapa. Garrafa que não chega. Ou: naufrago e topo um envelope. Querida leitora, querido leitor. Planeta em movimento. Óbvio me exaure. Vida futura. Nós te criaremos. Isto dedico a Caio Fernando Abreu. Também a você. Agora, fique com a história do Superman. Em seguida, voltaremos com nossa rotação normal. A menos que.

M.V.

Clark Kent em apuros

1

Clark Kent não sente vontade de se levantar nesta manhã, há dias sem escovar os dentes, algo o abate terrivelmente. Arrasta-se até a janela, abre-a: Metrópolis continua impassível. Como um formigueiro na primavera, uma primavera sem fim. Clark Kent tosse forçadamente, se coça sem coceira, imagina o sol ficando vermelho de repente e seus dedos do pé abrigando uma purulenta micose. Apalpa seus músculos sem gordura sob a pele e suspira. Volta para a cama pensando nas tragédias que acontecerão se ele não entrar na cabine telefônica. Mal sabe Clark que o lençol que usa é proveniente de uma das empresas de Lex Luthor e está cosido com um único e delicado fio de kriptonita. Clark Kent dorme, triste como um marcapasso.

2

Clark Kent acorda neste domingo mais cedo que de costume, veste a mesma roupa de ontem à noite, não sabe bem onde está. Aos poucos seus olhos vão reconhecendo o ambiente, seu quarto, Metrópolis pela janela, e Clark tem a estranha impressão de sentir algo de que o sol amarelo sempre o poupou, algo de que ele apenas ouvira falar – uma leve e aguda dor de cabeça. Bobagem, Clark. Você deve estar é mascando ainda algum sonho esquecido, porque o sol amarelo não lhe extirpou o inconsciente, ou lhe deu um de presente, como seria sonhar em Krypton? Seus pés fortes escalam até a cozinha, sua mão agarra um copo de água que ele bebe e estraçalha, sem se cortar: afinal, ele é o mesmo! (Não fosse por uma vaga, vaga melancolia.)

3

Um dia, como se sabe, o sol implodindo. Nesse dia Clark Kent acordará mais cedo que de costume, abrirá a janela para Metrópolis e sentirá frio ao ver as espaçonaves se enchendo, as pessoas migrando para um outro planeta – no qual a população autóctone, recentemente exterminada, gozava do calor e da luz de um belo sol azul. "Vamos, Clark", chama a senhoria, carregando suas malas e o gato pela rua, preocupada em pegar um bom lugar. Ele fechará a janela e esperará. Amanhã, a Terra gélida e escura não terá manchete

que anuncie o seu desaparecimento e ele, ele será um órfão morto, vestido com uma roupa ridícula e datada, abraçado a uma caixa de chumbo que o protegerá para sempre da pedra familiar e assassina que encerra.

~

Foi ver

caminho angustiado porque as pernas não se abrem, chinelinhas de pano as mãos seguram a camisola. Senão ela cai.

Foi ver no escuro do mundo: os lixeiros, fantasmas assustadores levam o imundo das ruas. Ela lá parada à porta aberta de madeira, um degrau dá pra calçada. Chorume borrifado. Eles usam uniformes azuis, limpos e à luz do sol devem ser bonitos. Um se agacha e pega a sacolinha – cheia! – de supermercado / aos pés dela.

Boa noite.

Boa noite, senhora.

São bons meninos, os lixeiros. Olham pra ela e acenam. Estão na boca do caminhão que sobe a rua como se ela estivesse despencando num poço. "Tchau", ela diz. Entra, gira a chave e empurra o trinco. Era só o lixeiro, que alívio. Nem ladrões, nem assassinos. Tampouco seus filhos. Na quarta-feira eles vão passar de novo? Quem sabe o que poderá acontecer?

~

Tanto tempo buscando lembrancinhas e o vestido. Vinte e cinco anos. Desde os sete guarda moedas pensando nesse dia. E agora não dá mais pra esperar. Ela entra na igreja radiante pra quem vê. Quase ninguém veio. Na festa, dança e pede um brinde ao padrinho.

Não tem padrinho. A mãe chora inconsolável. Perdendo a única filha para o noivo. Mas não tem noivo. “Ela está louca”, o pai repete sem parar. A loucura é que é a noiva. Em cima do bolo / um castelo de chantili e felicidade / só ela é que tem marido. E ele é lindo, lindo, lindo. Com seus lábios fortes sussurrando sóbrios: eu aceito.

~

Hagiografia de Santo Antônio de Pádua

e, estando ele nos campos pregando o evangelho de nosso senhor, como não houvesse quem o escutasse / um a um os peixinhos puseram seus ouvidos fora d'água / pois disse jesus ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda a criatura / os peixes entenderam português, amém / minha avó disse que só depois, uma lá / conseguiu, graças a ele, bom casamento / de sorte que popularmente ficou conhecido como o santo casamenteiro

*meu querido santo antônio
que eu seja peixe
vi o brilho verde
peixe prata*

*

eu agora vou contar
com riscos na parede
todas as vezes
que você não vier

(disse santo antônio
ao povo que não vinha
disse pros peixinhos
& amor a jesus cristo)

vou acabar é fazendo
a hagiografia do nosso amor:

"que pregava aos aviõezinhos
os desastres de acidentes
mas um dia caiu
e quebrou os dentes

FIM"

(parte 2)

ainda santo antônio:

pra ter quem me ame
(e também a jesus cristo)

guardei os peixes num aquário

ninguém duvide do que eu digo

~ ~ ~ ~ ~

mas na iconografia ele aparece segurando ao colo um menino

hoje, um padre com menino a gente já pensa besteira!

santo antônio
que a gente enche de água
um copo e afoga de ponta-cabeça

(parte 3)

é o método católico de adulação

quando você chegar no céu
lá antônio, molhado, e os mano dele
esperando pra te enfiar no copo
dá dois pipoco na cabeça
não mexe com o meu santo

mas aqui ele é terno, tem olhos
molhados de menina prenehe
nós nos aproximamos dele
e esfregamos as mãos nas partes

o santo virou pescador de homens
e agora só dorme com peixes

(parte 4)

*vamos todos viver a vida
pois ela acaba na avenida*

santo antônio veste camisa collant com strass
e abandonou o canto gregoriano

na porta do SBT, quilômetros de beatas
refugiam-se no programa do Silvio Santos
Em nome do Amor

a gente, que não é boba nem nada,
já sacou aonde tudo isso vai dar
e construímos um navio de garrafas pet
que vai descer o tietê até o uruguai
desembocar no rio da prata
e ganhar o oceano pacífico, pirata

no caminho vemos santo antônio
e acenamos com chamego
primeiro ele finge que não viu
procurando as carpas do pinheiros
mas logo tira a camisa, pula na água
e joga o menino no rio.

Beijo.

~

Mão boa

Hum, que delícia!, Mas não é mesmo, menina?, Quem fez?, A Jandira!, Jura?, Ai ela tem uma mão tão boa pra essas coisas!, Ai mas também né, negro tem uma mão pra cozinha!, Mão boa né?, Eu até vou pegar mais um pouco, Pega, menina, eu também, Que delícia! E a Jandira é boa?, Ai, obediente, não dá gasto, sempre sorrindo, Que beleza, Às vezes tem que dar uns gritos, né, porque senão, Ah tem que ter respeito né, Que delícia!, Eu já tô no terceiro pedaço!, Eu também!, Parece que tô até passando mal, É você tá meio esverdeada, menina, Ai parece que não caiu bem, Ai eu também tô meia tonta, Ai será que tinha alguma coisa no doce?, Ai eu não tô me sentindo bem, Ai, não desmaia, deus do céu, Jandira! Jandira, acode! Ai eu também vou desmai...

~

Caravana da anistia

Durante o Estado Novo o pai tivera suas desavenças com o governo, era funcionário público e uns anos antes até pertencera ao Partido, mas tudo ficara para trás. Agora era o filho, sumido e ninguém tinha notícias. Metido em passeatas, panfletagem. A família não sabia se fugia do país, se escrevia para a ONU, a mãe chorando o dia inteiro, não deixavam mais a irmã sair de casa. Anastácia, a empregada, continuava cozinhando. Ninguém lhe contava nada, podia ser perigoso, para quem? Mas também, ninguém sabia que a mãe de Anastácia era alforriada, que a avó viera nos navios e ninguém saberia que sua filha, anos depois, também faria faxina. E cozinharía com os mesmos temperos fortes e bons, apesar do rapaz morto.

~

Para que se prolonguem seus dias na terra

Já velho e ficar órfão: desacreditava. Cinquenta anos, ele próprio com netos – e o pai e a mãe ainda vivos, fortes, sem sinal de desgaste. Começou a se preocupar. Aos sessenta já estava preocupado o bastante. Não é que não gostasse dos pais, mas aquilo estava errado. "Seu irmão?", perguntavam do pai. "Esposa?", da mãe. Começou a sentir seu próprio corpo falhar: pedra no rim, catarata, câncer de próstata. Foi ficando senil e desconfiado: os velhos nem tosse, nem gripe, nem nada! "Você devia dar graças-a-deus", repreendia a esposa, enojada. Aos setenta teve de ser internado, definitivamente. Do leito da UTI viu os velhinhos entrando, intactos, pela porta. E foi se sentindo pequeno e fraco, como se ainda não tivesse nascido.

~

Meu amigo Németh Sándor

aki Á-t mond, mondjon B-t is
(provérbio húngaro)

Depois que mostrei a meu pai no Youtube, sem botar muita atenção nisso, a representação de uma ária da opereta Gräfin Mariza, de Kálmán Imre, papai não quis mais saber de outra coisa. Para mim era só uma curiosidade, o casal vestido em roupas de época, cantando e rodopiando pelo palco muito inocentemente. Além do mais, eu não entendo uma palavra de húngaro. Papai também não. Mas começou a dizer que sim, ele se lembrava nitidamente: desde criança soubera húngaro. Aprendera tudo com seu pai, meu avô.

“É? Então o que eles estão cantando, papai?”

“É lindo! É muito lindo!”

Acontece que meu avô morreu antes de meu pai nascer. Ele era húngaro, sim, Attila Fekete – ou, como se diz na Hungria, Fekete Attila, pois lá o sobrenome vem na frente. Meu avô veio pro Brasil aos vinte anos, aparentemente sozinho, e aqui se casou com a minha avó, Maria. Eles tiveram cinco filhos, dos quais dois morreram, e o caçula é meu pai, Jorge Fekete. Nascido no Brasil, filho de brasileira e de húngaro, sem nunca ter aprendido uma só palavra desse idioma.

“Pai! Pai!”

Ele ficava horas em frente ao computador vendo os mesmos vídeos. Meu pai criara uma euforia mansa e suas palavras foram minguando, desde os elogios (“É maravilhoso! É a coisa mais linda!”) até a nua exigência, como se nós nem estivéssemos lá, de outro vídeo de opereta.

Por um cantor papai passou a nutrir especial afeição. Toda vez que Németh Sándor, com sua testa lisa e seu nariz de batata, as orelhas imensas, aparecia na tela e sorria de bochechas altas para cantar, toda vez que dava piruetas, papai soltava um uivo fino do fundo da garganta. Mantinha a mesma expressão de criança abobalhada, mas a ela acrescentava dois olhos arregalados e cheios, lagrimosos.

“Será que não é melhor levá-lo a um psiquiatra, André?”

Eu acenava a cabeça para a minha esposa.

“É só felicidade”.

Às vezes, porém, eu me culpava.

“É culpa minha. Eu não devia ter mostrado o vídeo pra ele.”

E então era a vez de a minha esposa dar desculpas.

“Que besteira, André! Como é que você ia saber? E além do mais, olha pra ele: está tão feliz, não está?”

Estava, sim. Parecia. Meu pai parecia muito feliz. E cantava junto com os cantores, cada uma das árias, imitando os sons que ouvia, acreditando serem húngaro.

§

Um dia eu cheguei em casa e meu filho veio me receber aos pulos.

“Papai, papai! O vovô disse que vai me levar pra conhecer a Hungria!”

Eu me sentei no sofá, cansado.

“O vovô *disse* pra você?!”

Porque fazia já mais de um mês que meu pai não dizia nada, apenas resmungava as músicas e uivava para Németh Sándor.

“Disse, papai! A gente vai pra Hungria?!”

Meu filho puxava minha mão, passava os dedinhos pelo meu rosto, dava pequenos pontapés na minha canela enquanto, do alto do meu colo, balançava as perninhas.

“E o que você quer fazer na Hungria, Átila?”

“O vovô disse que a gente vai ver o pai dele!”

“O pai dele?”

“É! O pai do vovô mora na Hungria! Não mora?”

Fomos, então, eu e Átila até o quarto do meu pai. Abri a porta com cuidado e lá, no breu, papai estava deitado de olhos abertos, piscando atento. E sentou-se na cama ao nos ver.

“Pai. O Átila contou que o senhor prometeu pra ele que nós vamos viajar para a Hungria. É verdade?”

Meu pai se abriu num sorriso entusiasmado e falou uma infinidade de sons que eu não compreendia.

“Pai, para com essa história! O senhor não sabe húngaro! Nunca soube! Nunca aprendeu! O senhor só sabe português e olhe lá! Fala comigo direito!”

Mas meu pai continuava emitindo sons que eu não entendia, que não faziam sentido nenhum. Aquilo estava indo longe demais.

“Papai”, agora era Átila, meu filho. “Papai, o vovô está falando que a vovó também vai com a gente. Ele esqueceu que a vovó morreu?”.

E, enquanto meu pai falava, sorria, gesticulando, eu perguntei assombrado pro meu filho.

“Você entende o que o vovô está dizendo?”

E o menino, abrindo o mesmo sorriso louco que meu pai, respondeu:

“Entendo, papai! Eu falo húngro!”

Para provar o que dizia, meu filho soltou na direção de meu pai sons indistinguíveis, sequências de sílabas absurdas, ininteligíveis – às quais meu pai, no entanto, respondeu da mesma forma, como se ambos estivessem falando português e o único húngaro ali fosse eu, deixado de fora de um idioma distante e improvável como a própria Hungria.

Eu me sentei na cadeira tomado por uma vertigem, olhando fixamente para os dois, que conversavam, riam, se entendiam. Meu pai, então, talvez percebendo em mim palidez, parou a conversa e, sério, disse algo pro meu filho.

“Papai, você tá bem?”

O menino voltava pro meu colo, morno, pequeno.

Meu pai disse mais alguma coisa na direção de Átila.

“O vovô disse pra você não ficar triste. Ele disse que a Hungria é um país bonito e que lá tem bastante trabalho. Ele disse também que o pai dele vai gostar muito de conhecer você.”

Átila fez uma pausa e ouviu mais uma frase do seu avô, uma frase em que eu consegui distinguir algo, algo muito obscuro, e voltando-se novamente para mim disse:

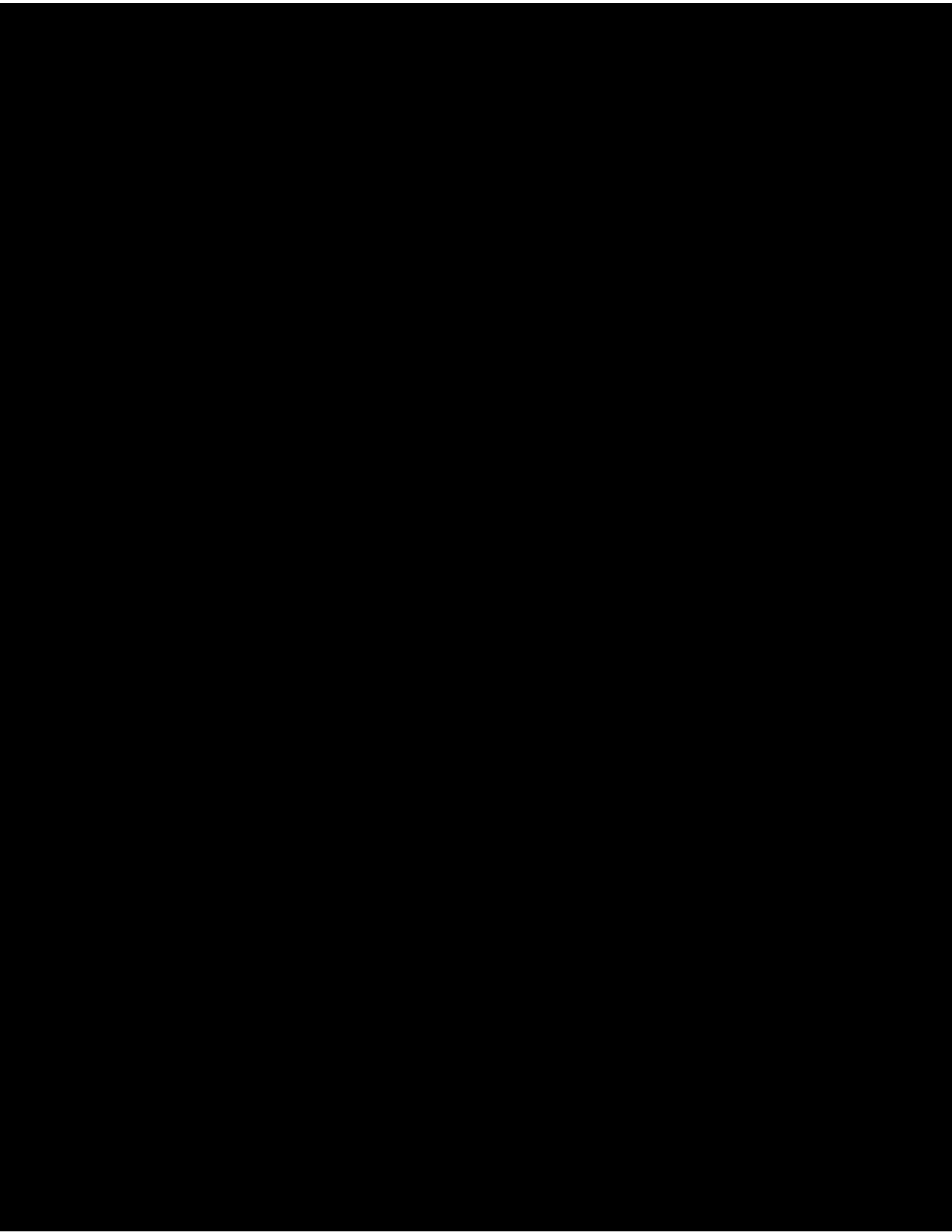
“O vovô disse que ele é amigo daquele cantor que ele gosta, o Németh Sándor. E que a gente também vai ver ele lá na Hungria.”

Com as mãos, me veio de agarrar Átila, tirá-lo dali nos meus braços e voltar com ele para a sala, para antes daquela conversa de doidos, para longe do meu pai. Mas eu só consegui passá-las pelo seu cabelo curto e macio, sentir seu rosto fresco com meu polegar,

amparar a pressão que suas costas faziam a cada respiro seu, Átila respirando forte, asmático, por conta própria.

Levantei minha cabeça, então, e na outra extremidade do quarto, pairando sobre pijamas puídos, encontrei os olhos acesos e claros de meu pai. Sob eles, um nariz redondo grande e velho, pelos grossos nas narinas, manchas. E sob seu nariz uma boca esticada em sorriso fechado. O mesmo sorriso que ele me deu no dia em que Átila nasceu. O mesmo sorriso do dia do meu casamento, do meu primeiro emprego, de quando eu entrei na faculdade. O mesmo sorriso que ele me dava quando eu tinha a idade de Átila e voltava chorando da rua com algum machucado feio. E ele sempre dizia, como um ponto final ao sorriso: “Vai ficar bem”. Não precisava dizer, a expressão em si já dizia tudo. Mas como meu pai sempre fora um homem para quem as palavras valiam como ações, agora, como sempre, sorrindo para mim cheio de amor, ele abriu a boca. E disse.

~



Deixe essa vergonha de lado

para Odair José

O dia dela é de princesa, põe os brincos e sai de casa sem os brincos, na pele sem perfume o perfume caro ela borrifa sem borrifar sem ser caro, sem ser perfume, boa parte do tempo é só água sanitária, mas ela nem sai de casa, ela não sai do quarto, ela sai do quarto e sai de casa e vai pra festa e não é uma festa, eu também não quero ela, ah mas eu quero, nessa festa sem ser festa que a gente deixa de dançar dançando rosto colado corpo distante pra não sentir o cheiro de amaciante que ela não tem a roupa limpa que ela não tem mas a roupa dela é tão limpa e é velha e é nova porque sempre sem manchas e clara / de tanta água sanitária / que respinga quando ela lava o chão

Passsei a segui-la sem saber, sabendo que a encontrava por acaso pelas ruas de uniforme ela nunca usava o uniforme o menino de uniforme indo pra escola ela ia pra escola mas nunca entrava, voltava sozinha pra casa

“Oi”

Ela se assusta tão fácil, aperta o passo, disfarça cheira o sovaco depois desaperta o passo e o peito, sorri de lado meio sem jeito,

“Oi”

“Tá indo praonde?”

“Pra casa”

Endireita as costas as costas curvas e puxa o cabelo pra trás já estava puxado pra trás, até parece liso

“Aquele menino que eu deixei na escola é o meu irmão”

Não perguntei

“É? Ele é bem diferente de você”

É lógico o menino é loiro cheio de corpo ela é mulata baixinha arregala os olhos aperta o passo anda do meu lado não me olha

“É que ele é adotado”

E a gente chega na casa casarão o corpo dela parece menor não tem corpo os pés se mostram ela esconde os pés as havaianas não escondem nada não tem jeito mas tem jeito

“É aqui que eu moro”

Não perguntei. Mas não duvido, ela mora mas não mora, abre o portão entra apressada não olha pra trás, só uma vez, bem rápido, eu ainda estou no portão esperando que ela saia, que me convide para entrar, que chame a empregada pra servir o meu café enquanto apresenta os pais e briga com o irmão, os pais mulatos baixinhos sem corpo o dela magro o menino gordo loiro três vezes maior chega a empregada com o café põe biscoitinhos eu ainda no portão já saí do portão estou dentro da casa dela voltando para a minha casa sem café nem biscoitinhos ela tira as havaianas cruza as pernas no sofá e serve o café os biscoitinhos de pé ao lado de mim e dela sentados no sofá rindo da vida, a vida tão bonita e cheia de amor, um amor que não se modifica.

Arbeit macht frei

Benedita estava começando a ficar com fome. A patroa tinha encomendado a marmita, que só chegaria à uma. Era meio-dia. Se começasse a lavar o banheiro, que era imenso e estava bem sujo, terminaria em uma hora e poderia então comer. Mas dava-lhe uma gastura pensar em comer depois da água sanitária e ela não sabia como é que era essa marmita. A prima dissera-lhe que essa patroa era muito boa. Mas Benedita não ia com a cara de patroa nenhuma. Umas nojentas, todas. Vale ressaltar que este livro só existe graças à diferença salarial. A sua faxineira não entende alemão, entende? Benedita não entendia. Mas sabia muito bem que o trabalho é só um meio. E que tudo o que há é marmita que pague.

recapitulando: ligar pra lu assim que chegar em casa, embromar e terminar em algo como “im not that stupid little person still in love with you”, arrumar as malas, escrever um e-mail pra mamãe, sucinto e limpinho, “vou pra salvador e não sei quando volto” amanhã bem cedinho deixar as chaves com a cris & todas as instruções, depois pegar o táxi, pegar o avião, “próximo voo pra salvador, quero transar com muitos negros! [riso interno] já imaginou a cara? esqueci alguma coisa?
recapitulando:

(as burcas. ainda é possível ver. véu de pano grosso, janelas
acesas, garoa

onde a noite
bifurca)

pegar as chaves. assaltantes larápios ladrões pivetes nunca se sabe tanta violência! chegar em casa de chaves na mão: enfia mexe tira enfia mexe tira – segurança, lar.

(a noite fria ria noite fria fria)

sapatos na calçada, i will survive, lu-me-deixa, salvador negros deliciosos pintudos de sorrisos lindos dois três de uma vez longe de mãe longe de pai do emprego carlinhos seu celso solânge barulho lu

NO MEIO DO CAMINHO

mais precisamente na porta de entrada

ali

deitado

imóvel contra toda passagem

pensa:

“... ”

[a noite fria]

que eu faço?”

vão-se apagando o sol, as cores, os negros se dissolvem na noite que raro parecia tão escura. sua primeira impressão é espanto, seguido de uma certa condoída apreensão (não chamaria “remorso”, jamais “tristeza”), depois medo. era um horror potencial, era o suspiro do perigo e... roncava! como os gatinhos os leões ela mesma lu

a chave pendia da mão. o molho no chaveiro cor-de-rosa brilhante. seu perfume misturado ao suor misturado ao fresco da noite misturado ao som das rodas dos carros misturado a fodor mijossujeira subindo vindo sentindo aquele cinzescuro-cheiro, o cheiroso, o fedido fedismundo fétido sujo sporco e estava tudo indo tão bem!

“seu moço...”

[não poderia]

“seu moço...”

desculpa incomodar o sono do senhor, mas o senhor poderia dar uma licencinha só pra eu passar entrar em casa?”

mas estava frio. e se o homem pedisse abrigo?! vou ter um treco! o que eu faria?

“ô, campeão! sai da frente, isso aqui não é porta de bar não, a gente quer entrar!” e um pontapé. lu era um bruto.

... e ela? seria capaz de dar um pontapé? salto alto, bico fino, não está tão desprotegida afinal.

está com frio, as canelas geladas, e um homem roncando fedido na porta. se tivesse um porteiro! se tivesse um pirril!

...

“seu moooooço...

(não, não poderia!)

e agora?

sair de mansinho, pé de veludo, entrar num barzinho, dançar, esquecer, no máximo salvador fica pra depois de amanhã, não é depois de quinhentos anos que a cidade vai sair dali – mas que ridículo isso eu sou uma mulher instruída culta jornalista ganhei prêmio jornal revista sucesso perco peso sei tudo de dramas humanos fiz uma reportagem sobre favelados nas eleições do ano passado essa gente não é de todo perigosa eles só não têm as oportunidades então eu vou ter coragem? de dizer assim

— Com licença, seu moço. É que eu preciso entrar em casa e o senhor aí, dormindo bem na minha soleira, não é que eu não entenda que o senhor não tem lugar pra dormir, mas... bem... eu também tenho problemas, sabe? Meu pai bebia muito, minha mãe é esquizofrênica, meu tio uma vez passou a mão em mim, meu namorado, quer dizer, ex-namorado não quer se esforçar pra arrumar um emprego decente, meu analista sugere que eu seja pusilânime, isso quer dizer que eu não dou conta, sabe? eu não dou

Não, não! O moço tá dormindo, acordá-lo assim e começar a tagarelar vinda de não-sei-onde, é até indelicado, não, não. Mas então?

[repito que as burcas as burcas as burc as s uc bu as urc]

Vou de mansinho, dentro, e não vou ser hipócrita: o demais de pular um sem-teto, onde é? Se todos os dias, na rua o tempo todo, os impostos estão pagos, os cidadãos de bem têm de sofrer com as negligências do governo? Faria uma matéria sobre os cidadãos de bem e a dificuldade de ser um cidadão de bem num país que os negligencia. Faria. Em Salvador, até, talvez. Depois de comer um preto gostoso e pintudo, poderia. Um pau grande grosso e preto. poderia.

tenho um plano

1º passo: chave a postos.

2º passo: encostar na fechadura.

3º passo: enfiar a chave – barulho, barulho, alerta! tira a chave, a chave cai, mão boba, caiu, pois, droga!

ser acordado na noite que fria. o chaveiro cor-de-rosa brilhante bem no seu nariz. mais essa! rrrrrrrrrr; rrrrrmhém-mhém-grrrrr-tosse tosse tosse espirra pigarro se vira. os olhos vão entrevendo. vão. pega o chaveiro cor-de-rosa e olha.

apalermada. burra! burra! vai morrer estúpida estuprada estripada sem nada ele entra come mata come pega tudo leva burra! burra! mãe lu ai meu deus como é difícil ser uma mulher culta e independente num país negligente com os seus bons cidadãos deus se o senhor me livrar dessa eu juro que escrevo a matéria sobre a pobreza digo e redigo a pobreza é ruim ruim reformas sociais já mobilizo o pessoal da revista uma matéria de capa os sem-tetos tadinhos sem recursos ficam todos raivosos e malucos matam jornalistas da moda boas cidadãs que têm consciência da luta de classes e dão o maior apoio pros menos favorecidos os favelados os sem-tetos bonzinhos são as circunstâncias que levam as pessoas a atitudes extremas

rrrrrr, rrrr, mhém, grr....

[depois do afeganistão, da guerra, teve um desfile de moda em paris, as burcas, as modelos de burca, pernudas e loiras sob as burcas que são só pano com uma frestinha pra que a mulher de dentro possa ver o de fora sem ser vista pelo de fora, as burcas estilizadas, a revista elogiou bastante]

era um sonho bom. um sonho acolchoado de nuvens.
dormindo nas nuvens.

não grita, não grita, ele pode se zangar se você gritar. mas se ele ameaçar me agarrar eu juro que grito, ah eu grito, o seu celso vizinho seu celso vai vir reclamar e me vê e me salva e mata o sem-teto a pontapé e chama a polícia a polícia tira o corpo eu entro em casa e amanhã vou pra salvador depois de contar pra todo mundo os terríveis momentos de pânico que passei. ah eu grito!

pra quê? você passou o dia inteiro arrastando os seus trapos [o jô soares disse uma vez no programa dele que a elegância é um dom natural, que há dondocas com muita grana e nenhum estilo, mas há mendigos que são tão elegantes arrastando os próprios trapos], andando de porta em porta, “tem um pouco de café pra me arranjar?” e você até teria dado um sorriso só pra fazer graça mas não há lugar pra graça, ninguém ia te entender, como naquela vez em que você estava sentado descansando, barriga cheia por conta da pastoral, só descansando, só sendo você no descansar, e recebeu uma moedada no nariz. Algum passageiro te jogou uma moeda no nariz. E quando você se virou pra agradecer ou mandar tomar-no-cu, não tinha decidido ainda, não achou ninguém, só o mesmo rio de gente cinza de costume. e agora você vai se incomodar com essa dona? você estende o braço para entregar a chave. ela pega, você se vira e continua dormindo.

está se mexendo! momentos de tensão. vou escrever uma crônica, vou colocar no meu blogue, “o homem moveu seu braço em minha direção e...” me entregou a chave? as chaves. “e virou-se de costas para mim, e voltou a dormir. [o homem voltou a fazer rrrrrrrr, grrrrrr, mhém, mhém, grrrrrrr, mhém. um pé, outro pé, fechar a porta cuidadosamente – para não acordar? quem? – em casa. em casa.

*

Com a luz apagada ela tirou os sapatos, acariciou o gato, tomou um banho, dormiu, acordou e mais tarde foi para Salvador. Achou que era de bom tom não comentar a experiência com ninguém. Muito menos com Lu.

Uns pés

Eu fui acompanhando o crescimento dos meus pés com uma atenção pesarosa de menino órfão. É muito comum ver os pais beijarem os pezinhos de seus filhos, depois que trocam a fralda e talco, e a gente fica rindo delícia de perceber : ai meu corpo, ai meu corpo, ai meu corpo! . Mas é ganhar tênis e sandálias, sapatos que apertam, e os pés passam à sujeira sem pais mais que os queiram / você deve andar ereto, falar coerentemente e evitar as bananeiras. Joanetes começam a crescer cada vez mais à vista, as unhas engrossam de um jeito indelicado, tenho frieiras calos e outras asperezas e cada vez mais me sinto pés de cavalo.

No meu quarto tem uma foto na parede. Dessas de negros no fim do século XIX em que os obrigam a registros em roupas e posições feito bonecas de criança. Um homem (não era homem) de estatura mediana está de pé vestindo uma calça e um paletó de sobretudo. Ele tem o cabelo raspado e, nas mãos, a postos, uma tesoura e um pente. Seus olhos parecem estar fechados, mas o que provavelmente aconteceu é ele olhando para baixo com a cabeça inclinada como de tristeza, fingindo cortar o cabelo (o chão não tem pelos) de um outro homem (não era homem) que parece ser bem mais alto, mas que está sentado e tem cavanhaque sobre um caixote, calças e uma toalha cobrindo a camisa (a toalha não tem pelos), suas pernas abertas e as mãos grandes, fortes, bonitas pousadas nos joelhos, indefesas. Ele olha para mim com o olhar resignado de uma boneca que há muito tempo tomou vida, já fez de tudo para que sua dona deixasse de sandices brincadeiras e agora só consegue achar tudo / infortúnio.

Os dois estão descalços. Aos escravos era proibido por lei usar calçados, mesmo os mais de estima, e era o que eles tratavam de arranjar assim que fugiam. Quando a alforria passou a ser comum nas grandes cidades (porque os escravos se compravam, ou seus donos morriam lhes davam desistiam não havia mais o que fazer para manter a ordem das coisas), o número de negros de sapatos aumentou tanto que se tornou um enorme desafio à segurança pública, ocasionando projetos de lei e debates nos jornais, e não está escrito quantos libertos e mesmo livres não foram caçados, presos e obrigados a servir a senhores mal intencionados, como certamente deveria haver, sempre há os que agem com má fé.

Uma vez saí com um cara que tinha uma tara: só transava de meia. Isso me fez desenvolver outra, análoga, pelos pés dos homens. Mesmo em casa, quando recebo visitas e há jantares, ou mesmo em momentos de descontração, te dou bebida estamos na rede falamos bobagem, evito os pés descobertos – mas faço o possível pra deixar meus amigos à vontade e lambo em olhos os dedos e nódulos / com pelos grossos / unhas / e nos outros a aspereza é motivo pra língua.

Luiz, que sacou essa minha, começou a me visitar com mais frequência e, como quem não quer nada, foi trazendo meias sandálias diferentes tipos de calçados e tirava-os no meu sofá, strip lento nos dedos compridos da mão que afastavam os dedos curtos dos pés, coçavam o peito, roçavam a sola, pegavam das dobras os fiapos a sujeira e espalhavam-na pelo tapete, quando ele ia embora eu recolhia cada bolinha e cheirava, esfregava no rosto e escondia no meu corpo em diversos lugares. Luiz tinha um chulé discreto e eu percebia quando fazia dias que ele não lavava os pés ou não trocava as meias. O cheiro azedo ficava mais perceptível e quanta alegria, eu pensava, o sebo e o suor pingando em mim.

“Eu nunca te vejo descalço”, ele disse uma vez, dissimulado. Me ajeitei incomodado na cadeira. Ele segurava seus pés 44 com as mãos em posição de lótus, toda a pele se tocando. “Tenho vergonha dos pés” eu confessei, como se não me importasse com isso. Luiz tinha pés muito bonitos, sem unha encravada, sem curvas bizarras, sem falta de curvas. Simétricos, no lugar. Ele olhou para os meus pés calçados com o canto esquerdo da boca acentuadamente puxado para cima. Eu olhei para os tênis dele jogados no chão, e para as meias jogadas também. Depois olhei para ele e vi que ele estava passando o indicador com firmeza entre os regos de cada dedão, nas dobras das unhas e depois, como se fosse assim fácil e cotidiano na minha presença, levou o indicador até o rosto e cheirou profundamente. Meu pau estava louco dentro das calças, tão duro que doía, e eu olhava praquela encenação extasiado com saliva. “Que bobagem ter vergonha” ele disse, simulando leveza na voz e consentimento nos olhos, que fitavam meus pés cobertos com uma ponta de estranhamento e até de nojo, como quando a gorda diz ai como eu to gorda e você fala imagina menina você tá ótima.

Luiz calçou os tênis e foi embora. Mas deixou no chão da sala, de presente de consolação, um par de meias: brancas, limpas e usadas.

Anormaes

O delegado não possui pendores, isso eu noto, talvez por isso seja delegado. Um homem deve ter retidão moral e física para se tornar delegado. Nós, aqui, fazemos a triagem para os doutores: o delegado ordena que cada detento tire suas roupas, examina-os, ordena-me que anote: evidentes caracteres sexuaes secundarios do typo feminino. Vai enumerando um a um, ditando-me as prováveis anormalidades. “E você, João, não casa?”, ele me pergunta às vezes, emendando que na minha idade um homem sozinho pode desenvolver perigosas tendências para a perversão. “O crime”, esclarece, “é um descuido da sociedade. Precisamos desenvolver tratamentos tanto para aqueles com predisposição hereditária ao desvio quanto para os que o adquirem por condições exógenas”, e lê para mim um texto publicado em recente número da Revista de Direito Penal:

“é notório que as medidas puramente repressivas e propriamente penais se revelaram insuficientes na luta contra a criminalidade (...) para corrigir a anomalia, foram instituídas, ao lado das penas, que têm finalidade repressiva e intimidante, as medidas de segurança. Estas, embora aplicáveis em regra post delictum, são essencialmente preventivas, destinadas à segregação, vigilância, reeducação e tratamento dos indivíduos perigosos, ainda que moralmente irresponsáveis. ”

Do outro lado da mesa, ele me olha inquisitivo, como se esperasse que eu confessasse alguma coisa. Não é um tratamento especial reservado a mim, no entanto. O delegado é um homem sempre atento a possíveis distúrbios e seus conhecimentos das inovações da ciência no tratamento de criminosos estão sempre sendo renovados, reciclados e postos a serviço do bem-estar da população. Eu, deste lado da mesa, esforço-me por parecer feliz e profissional. “Como você pode perceber, João, prevenir ainda é o melhor remédio”.

Ele me pede então que leia minhas anotações. “Indivíduo nº1 – apresenta proeminências mamárias e retração peniana possível indicadora de atrofiamento. Indivíduo nº3 – apresenta quadris de aspecto feminino. Indivíduo nº5 – apresenta fístulas retais, claros indícios de homossexualidade passiva. Indivíduo nº6 – apresenta desenvolvimento exagerado do pênis, prováveis distúrbios endócrinos”. A cada descrição lida o delegado solta um pigarro de aprovação e, à medida que avanço na leitura, indivíduo nº20, 22, ouço

sua cadeira ranger com mais frequência e velocidade, sendo a excitação das descobertas científicas claramente perceptível em homens de visão como o delegado.

Volto para a pensão onde moro. Passo por ruas escuras e estreitas. “Na sua idade”, o delegado me aconselha, “esse tipo de vida está prestes a se tornar desviante”. Entro no meu quarto e tiro os sapatos. Sinto o cheiro quente que sobe dos meus pés, penso que tenho vinte e dois anos e estou prestes a me desviar. Me levanto com calma, tiro as meias, as calças, a gravata e todo o resto. No quarto há um espelho grande que era de minha mãe. Me examino, como se fosse eu o delegado e no espelho estivesse um indivíduo qualquer, cujas origens me são desconhecidas e só o que tenho para saber é um corpo inteiro, diverso de indícios. “Indivíduo nº33”, mentalizo a voz do delegado. Olho meus mamilos, meu pênis, viro-me e abro as nádegas para examinar meu ânus. Há dias em que minhas mãos parecem demais pequenas; há dias em que elas parecem apenas proporcionais ao meu corpo, todo ele demasiado pequeno/ e frágil/ coberto por pelos ralos e escuros que no entanto não aparentam nenhuma feminilidade, apenas uma certa graça masculina. O corpo no espelho me olha ansioso por um veredito. Agora serei encaminhado para os médicos legistas que medirão meus músculos, minhas glândulas e minha capacidade de suportar adversidades. Agora serei encaminhado para uma cela isolada onde o delegado, após exame meticuloso e demorado, concluirá que sou um caso muito difícil de ser resolvido e que ele precisará consultar alguns livros e colegas antes de realizar um novo exame, esse sim definitivo. Agora serei liberado mediante fiança e a promessa de que não mais andarei por aquelas ruas escuras, ainda que seja esse o único caminho para chegar à minha pensão, e que mudarei de pensão se necessário for para a manutenção da ordem pública. Agora, no entanto ~ e o corpo no espelho súbito adquire um aspecto tranquilo e seguro ~ agora eu só concluo que esse corpo que tenho facilmente pode se tornar desviante. E que sou bonito. Como qualquer detento ou homem livre, em qualquer lugar do mundo.

querido azul,

há palavras imensas, que esperam por nós

(Mário Cesariny)

Retro, recíproco, rio de muitos nomes correntes robalos enormes / que viajassem, jamais chegariam do outro lado.

A menina, então.

Arremessada como um pulo de rã: tchibum, nada. Seus pezinhos se movimentando, bracinhos que empurram a água fosse ela Cristóvão Colombo, mais Niña, Pinta, mais Santa Maria e a frota portuguesa, os vikings nórdicos buscando o Amazonas, Cristo para os mórmons, Ulisses rumo a Ítaca: tudo o que é mar. E ela, a navegação. Não diz tchau pra mãe, que não há tempo, a mulher chorando na ponta da praia / e seria bonito dizer / suas lágrimas encham o mar mais que se a filha afogasse, ela vai.

De maiozinho azul-marinho.

Como se chegar fosse uma missão, encomenda divina ou desígnio dos astros, Urano desruptor na nona casa em Sagitário, ascende Peixes. Pra de repente, alto mar oceano absoluto, as direções se esvaírem de caminho, horizonte fluido ~ e quem tem corpo não tem praonde ir. Está. Tubarões, monstros marinhos, cardumes cheios ~ de baleias, piscina ~ pantalassa, ela se estende flutua sempre / carícias nas costas. Navegadores polinésios há cinco mil anos cruzavam distâncias em mínimas canoas. Serei uma ilha eu também. De boias infláveis nos braços, cinco anos de idade no mundo, ela infla feliz crescem coqueiros no seu nariz. Quando a mãe chegar de longe, de barco, vai sentar na praia e chorar a dor da filha perdida. A menina então procede: canta uma música bonita ~ que em forma de coco doce ~ rola as areias, alimenta, depois mamãe dorme na sombra das árvores marítimas. E quando a terra se mover em continentes a gente vira cordilheira e atravessa, de canoa polinésia, a distância entre as estrelas.

~

História da China nas Minas Gerais

e diz que aqui vinham chineses com nomes cristãos e pintavam os negros usando a técnica da tinta dourada sobre fundo vermelho, dentro das igrejas, no sertão. embaixo das igrejas vai ter um dragão escondido: ele acorda, treme a terra. o planeta vai se abrir feito casca de ovo e no fundo do espaço sideral estão lá: três dragões que conversam. no céu que é deles,

nem imagino qual a cor, explode tão longe quase não aparece: um pingo de luz vermelha. toda a tinta das igrejas barrocas e toda a história da américa lusitana, e o tráfico negreiro e as vontades e os conceitos, tudo fogo --- vira luz no céu dos outros. os três dragões se mexem. em cima deles está a terra, e a terra é o universo em que a gente estava, e eles submersos. um dia ela treme de outro jeito. aí os três dragões escapam e o universo quebra feito casca. tudo espatifado explode em fogo // pra virar luz no céu dos outros.

~

Padê e pão de queijo

A noite foi bafo, fia: padê até branquear o edi, os cafuçu me cheirando tuda por baixo e por cima pirocão uma loucura, minina, uma loucura...! Faz poc-poc na calçada no caminho de volta pra casa, arregaçada, dois quarteirão e a linha kátia, óculos enormes, cabresto, não-vi-nada. Magnífica, toda diva. Entra na padaria, o mulherão, peitos imensos, pede pão de queijo e faz carão pras coruja da ajeum, num-to-boa, as idosa comprando pão antes da missa corujando ela linda, gostosa, picumã desfeito; entra duas gays casadas camiseta apertada óculão picumã que nem um katrina, corujam ela também, ai-meu-cu! Deixa as moedas no balcão, arruma os mamilo, apalpa o papelote no sutiã e sobe de elevador: belíssima, mulher, dominical.

~

Conto chinês

vai estar assim cansadx, lua nova mar ao mar, e hoje faz tempo bastante saiu de casa e andou na areia meio continente pra não chegar: pedaço seco de horizonte chão rachado restos de muralha isso que eu gosto. O dragão vinha aos anos assustar os moradores, chegava bravo grandônico devora tudo que a vila deixa ao léu, incluso crianças!pra desespero de mães e demais consternados com a política de natalidade do governo. Entre 1958 e 1961 o país passou por período de grande fome (você não sabe o que é isso) e os

pais chegavam a comer os filhos, um horror. Se o dragão vinha antes, comia tudo aí sim era tragédia.

Ventos vindo, esqueceram uma velhinha na casinha alto da montanha, velhinha esquecível e esquecida, ai que medo quando as paredes tremeram dentes imensos na janela “VEEEELHA” o dragão requeria, alheio ao pouco prestígio das muxibas. A velhinha na resignação fez o sinal da cruz pra se proteger na barriga da fera. Foi quando o anjo Gabriel apareceu e a velhinha teve ideia: estourou fogos de artifício – tantos quantos tinha – e estendeu vermelhos panos, tão grandes que o dragão pensou ai que medo e saiu voando, feito cobra pro céu.



Desde então, sempre que cai um ano e nasce outro, na China há fogos de artifício e dragão que sai correndo, embarrigado pelas pernas de um bando de gente chinesa afoita festeira desta vez sem grande fome em crescimento econômico e alegria olímpica, até virar a esquina.

~

Correspondência completa

de longe

esta carta eu não vou te mandar

engoli o seu gozo e esse selo

por ora me basta

mas amanhã eu não vou dormir com ele, e nem depois. fico pensando se a gente vai se encontrar de novo, quando e quantas vezes, e acho que se morássemos na mesma cidade eu não seria tão sincero.

*

mentira: eu sempre sou sincero

isso não cola com ninguém

ponho meu desejo num envelope

*

Roubava a correspondência alheia porque a ela ninguém escrevia. Mas como ninguém escreve pra ninguém, acabava roubando apenas contas de telefone cobranças bancárias essas coisas. De muito insistir no erro e ninguém que a quisesse foi parar na cadeia. Lá virou mulher da Marta, a detenta mais respeitada, e por isso podia continuar roubando. Agora eram cartas bonitas, que falavam de filhos, mães e saudades.

*

Decola:

Devido a grande pane no acontecimento das coisas, todos os aviões do mundo foram impedidos de pousar, os que estavam em voo, pilotos inalcançáveis convictos e outros, no chão, ninguém mais decolava também. Os passageiros aéreos ficaram desesperados, ao que se sucederam vários motins, barrinhas de cereais roubadas no dente, e quedas mortas porque é melhor morrer logo do que ficar aqui voando até morrer depois, seja de fome inanição ou solidão, qualquer passageiro diria isso em entrevista, uns de fato disseram pelas redes de comunicação invisível que existem no planeta, suas fotos sorridentes em jornais do tempo em que estavam na terra. Uma boa parte dos aviões, no entanto, seguiu voo. E foram abatidos por terroristas presidentes raios vendavais ou simplesmente aves nas turbinas, o desengano maior que é um encontro entre dois objetos livres em voo que se exterminam mutuamente.

Nós, aqui embaixo, assistíamos a tudo primeiro espantados, depois perplexos, depois vagamente perplexos, depois sem sombra de espanto. Os aviões em terra enferrujaram e cresceram as companhias de transportes fluviais. Menos pessoas viajavam, verdade, pois os caminhos ficaram longos e nem sempre se tem paciência para o mês no convés. Contudo, talvez pelo costume, o trânsito entre os continentes seguia volumoso, multidões se deslocando entre turismo trabalho e aquilo que eu não quero mais chamar de amor. Os navios partiam lotados rumo ao horizonte e muita gente esperava nos portos para embarcar. Até o dia em que os navios se esqueceram das margens, dos ritos, e nunca mais atracaram.

*

entre os dedos é uma história

dos cavalos que se extinguiram da natureza nos desertos da mongólia, o deserto de gobi um gigantesco paraíso de fósseis os paleontólogos e os cavalos de nome impronunciável.

"gobi" é palavra mongol que significa "deserto"

gosto da geografia por ela ser redundante

mas os cavalos: sumiram a forma selvagem nos anos 60 e foram reintroduzidos gradualmente

agora correm livres, são mais parrudos que os cavalos comuns

a júlia diz que a gente é que nem esses cavalos, mas vivemos na saudade ainda não restituídos no selvagem

przewalski

Querido,

quando viajo, tão logo se abrem os mapas não servem, as cartas me abandonam no caminho, pego uma estrada pra uma palavra desconhecida e chego de novo em, você um continente a ser aberto sai dos mares toma os oceanos que faltam, se não é pra ti tudo o que eu escrevo se faz sal e neblina, a escrita é a única casa que eu tenho, parti outra vez

o destino começa no primeiro passo

esta vida é pra aprender a ficar e partir

o corpo da gente é um meio de transporte

daqui até a morte vou concebendo

axiomas do movimento

um vento sopra eles pra longe, desfaz em folhas

tanta verdade, nossa senhora do movimento

é uma árvore sem medo de perder

vou ser que nem ela. queria muito rezar e ter

uma companhia pra essas passagens. a solidão

também inexorável, primária me leva

pela mão que nem professora do jardim

da infância, tem modos didáticos e não

se envolve demais, apesar do carinho. tudo

isto é a história do apego. inevitavelmente

o futuro não chega, toca a gente

agarrá-lo sem presas.

Sinto que desde sempre escrevemos

as rotas de migração, mas agora me

pergunto se é possível escapar do inverno

perseguido o eterno verão?

*

Escrevia ao menos duas por dia. Às vezes começava assim: meu amor. E as enviava com uma pontualidade que nunca fez um funcionário dos Correios desconfiar, porque a cidade é muito grande e ninguém desconfia de nada. Com a mesma frequência recebia as respostas, sempre rápidas e longas, como gostava, e algumas até começavam assim: meu amor.

*

enorme, móvel
escuro e derradeiro.
meu amor é o mamute
na era do gelo.

Vou parar de falar disso.

Correspondência completa

A caixa do correio está vazia. E, se ela volta, de novo está vazia. Mas não nesta manhã: acorda com certeza, avisa a si mesma que deve descer as escadas do jardim, o mato chega-lhe às canelas, e quando alcança o portão já se passaram vinte minutos de lento caminhar, os dedos tremem na portinhola agarram o envelope leem a catarata, papel, mas não: de novo está vazia. virá um filho, um dos maridos, a morte mesma pode vir: na forma de um carteiro que chega ao seu portão, confere ausência de remetente na bolsa e declina da casa, desinteressado. Ela caminha de volta pelo jardim, pela porta, a bexiga solta esparrama urina até o lavabo, ela troca de calcinha e de saiotte e come um pão com margarina que enche o estômago feito terra no vaso.

À tarde, fica quieta, sozinha. Parece uma batata brotada.

Mas ó: o melodrama é todo teu. Porque de repente ela ouve um barulho lá fora, olha rápido pela janela a tempo de ver as calças azuis do carteiro escapando pelo canto da rua. E

se eu te disser que mais quinze minutos de passo apressado e ela está lá, além do jardim, abre a caixa de correio e vê admirada: está vazia. Não, é mentira. A gente que se agrada com o vazio o quanto quiser. A dela agora sim, porque cheias estão suas mãos: um envelope pequeno que ela abre com dificuldade de quem não quer rasgar. Precioso é o que a gente recebe dos outros, fique velha e não se esqueça. De ter alegria quando apertar os olhos sentada no sofá e cheirando a urina reconhecer duas palavras estrangeiras, tua língua, teu amor,

"Minha querida,"

~

O dia deixava ela cheia de marcas, cores que doíam na pele branquinha e flácida feito placenta. Quando abraçavam, ela bem que sentia os ossos raspando, secura da idade e cada ano mais magra. A neta adolescente reagia aos gemidos / “Credo, vó, parece que é alérgica a toque!” / e não é que talvez fosse? De noite, na insônia da velhice (a cama parecia um mar de grande e perigosa) (e me acompanha pensar na morte como uma insônia) ela remoía as palavras com os dentes guardados ao lado, no criado-mudo. E quando é que gostou de ser tocada? Naquele tempo marido era um muito, e pensava consigo que essas meninas de hoje nunca é que vão compreender. O pai então dizia que filho a gente não cria mostrando os dentes. Os dela, no copo, não tinham como não se mostrar. “Mas agora eu já nem crio nada” e quis chorar um nó mais cego que a sua catarata / na garganta. Parece que não dormiu a noite inteira.

De manhã tudo doía: a luz do sol, os joelhos e a cozinha. Na casa pequena, que a filha insistia que ela deixasse “porque a senhora já não pode mais se cuidar sozinha, mamãe”, ela amanheceu frestas em cada janela procurando talvez uma fresta em si. E quando foi pra o quintal se consternar com o mato brabo que crescia das rachaduras ouviu um barulhinho que podia muito bem ter saído de seu próprio peito ínfimo, mas que era de algo menor até que ela, proposto atrás do tanque. Como o grito do porco que vai ser morto e que menina ela doía só de dó, ao menos até o pai apanhar de cinto dizendo “desse jeito o bicho demora mais pra morrer!”. Aprendeu a engolir muito a pena que sentia dos bichos / especialmente dos que morriam / e foi messiânica que baixou ao chão procurando aquele

corpúsculo porquino da sua infância embaixo do tanque / a ganir de não estar em si. Meu coração é um afeto de ventríloquos. Porquinho, porquinho, pequeno feito unha. Um “squick!” baixinho, você precisa estar muito só para ouvir. No escuro úmido as mãos da velha flutuando em direção / dentes finos rasgam os seus dedos / e ela traz um rato preto bem filhote, desses de doença, pro carinho do olhar. O rato lambe o sangue que mergulha para fora tão vermelho quanto sempre. “Eu não morro é de apego”, pensou, concluindo que Jesus é que tinha mesmo razão. E o rato que agora era seu amigo / ele também tinha razão / de ser assim tão pequeno e nem por isso deixar de morder. Não vou me pôr a arrancar as ervas do chão que a gente pisa, feito mulher desprezada e raivosa. E agora é ela quem mastiga, com dentes de saborear.

atlas atrás

*Do alto a terra é tão extensa
Que assim só conhecia o mar*

(Júlia de Carvalho Hansen)

A maior alegria / de uma vida. Está tão feliz que quase faz pum. E sai pelo bairro da Lapa de casas baixas sobrados o policial federal diz “é só isso” achando o velho um pateta e aí sim ele sai, pelo bairro da Lapa, andando sem direção vagamente para a estação de trem. Partir, partir. Entra num restaurante-boteco de olhos marejados. Tudo agora são caminhos. Pra começar, um ovo frito. Se alguém visse também ia achar esquisito – e até perigoso – aquele sorriso que estica a boca murcha. Parece louco manso sai pra lá! Ele sairia mesmo, se alguém mandasse. “Eu fui feito pra sair”, sorri pra si.

Chegando em casa, duas baldeações de trem depois, se satisfaz porque qualquer cidadão de bem com pouco menos de cem reais poderá / / / . Nunca tinha tirado passaporte. “Agora sim” sorri para si enquanto traça no atlas caminhos compridos compridos como daqui até a China. Seria marinheiro. Joseph Conrad escreveu o livro *A linha de sombra*, em que conta a história de um jovem marinheiro que entra na idade adulta. A tal “linha de sombra” é o fim da juventude em que tudo é possível e o começo de uma fase da vida em que quase nada é. Continua riscando os mares. Ele passou a vida foi confeccionando flores de plástico, tem a casa cheia delas. E, a bem dizer, não tem um tostão no bolso sequer pra comprar o remédio pra pressão. Com cuidado e euforia, guarda o passaporte dentro do atlas antigo, grande, pesado, do tamanho do mundo. “Sim”, sim, sim.

Olha pela janela emperrada do apartamentozinho de vila operária, na frente uma estrada e caminhões, carros, ônibus. Na frente um rio cinza e, na frente, uma praça de grama cinza. E na frente outras casas e na frente delas prédios e na frente deles. No fundo do horizonte que ele não vê deve haver um porto. Em algum lugar no meio deve haver um aeroporto. Aperta os olhos e aos poucos consegue perceber o contorno das partidas de um mundo lindo e lindo como um espelho, ele se vê nos navios. Cercado de mar. E se olha, basta olhar, faz sol e tais azuis de brilho, brilho, a linha dele é de luz. Vamos, “vamos”, sorri.

~

... derretido no açúcar caçoa do medo da morte...

*

Que seja doce.

(Caio Fernando Abreu)

~

Créditos

Índice onomástico

Ana Cristina Cesar

Caetano Veloso

Carlos Drummond de Andrade

Emily Dickinson

Ferreira Gullar

Herman Melville

Hermann Hesse

J.R.R. Tolkien

Júlia de Carvalho Hansen

Odair José

Ronnie Von

Sigmund Freud

Agradecimentos

A Andrea Longobardi, Leno Veras, Carolina Menegatti, Natalia Ebert, Mariana Palomino, Ruy Ludovice, Thaisa Burani, Julio Groppa Aquino, Enzo Potel e outrxs tantxs amigxs que me ajudaram a escrever este livro.

O conto “Deixe essa vergonha de lado” foi escrito para o projeto Mojo Books (<http://www.mojobooks.com.br>) a partir da canção homônima de Odair José.

Uma primeira versão deste *Atlas* foi apresentada em agosto de 2009 na exposição *12 exemplares* (<http://12exemplares.blogspot.com>), a convite da minha amiga Júlia de Carvalho Hansen, a quem sou muito grato.

São Paulo de Piratininga, 2009 – 2011

Sobre o autor

Marcos Visnadi nasceu em 1984 em Jundiaí, SP. Atualmente vive em Buenos Aires, na Argentina. *Atlas* é seu primeiro livro.

Contato: marcosvisnadi@gmail.com